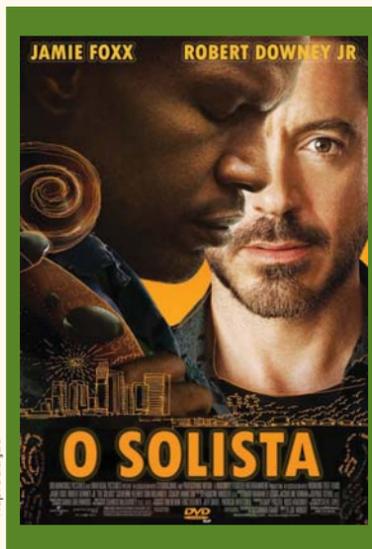


## O Solista

Por Gabriela Doninho

Baseado em um caso real, *O Solista* retrata dramas como esquizofrenia, música e superação. Robert Downey Jr. faz Steave Lopez, um jornalista do L.A. Times que está atrás de uma matéria e sai de casa para andar de bicicleta. Ele encontra, aos pés de uma estátua, um morador de rua tocando violino. Por achar estranho o fato de um mendigo tocar um instrumento tão peculiar, Steave resolve entrevistá-lo e, a partir disso, começa a investigar o passado do homem, que é Nathaniel Ayers, interpretado por Jamie Fox. Ele e Steave acabam virando amigos, o que faz com que o jornalista resolva ajudá-lo a retomar sua vida de músico.

Em sua busca por ajuda à Nathaniel, Steave passa a investigar sua família e seu antigo mundo, e acaba descobrindo que seu amigo foi aluno da prestigiada escola de arte de Jilliard, da qual foi afastado por causa da doença que se afluava. Decidido a fazer com que o ex músico retorne à sua vida de solista e supere a esquizofrenia, Steave passa a acompanhá-lo pela rua enquanto ele toca, persuadí-lo a se apresentar em festivais e lidar com seus traumas, cada vez mais aparentes quando ele se relaciona com multidões. Nathaniel tem surtos que o impedem de se desvencilhar do que ele chama de "lar", ou seja, um carrinho de rua com seus poucos pertences que ele empurra para onde vai, o que faz Steave acompanhá-lo cada vez mais de perto ainda, já que é considerado uma pessoa de confiança.



Reprodução

Uma das cenas mais fortes mostra a realidade das pessoas que dividem o viaduto com Nathaniel. Numa noite em que resolve seguir a vida do mendigo e passar a noite no local, Steave se surpreende com tipos de pessoas que ele jamais vira, em todos os âmbitos. Com flashes que mostram um pouco de cada um, acontece uma oração ao Pai Nosso, em que todos rezam juntos. Aí, ressalta-se o fato de que ao final do dia, independente de quem são ou do que fizeram, todos ainda têm fé, e daí Steave tira ainda mais força para reencontrar os caminhos perdidos de Nathaniel.

A substância do filme é o laço que une os dois, o laço que ultrapassa as fronteiras do cunho profissional e faz com que Steave se sinta responsável pela vida do amigo, saindo fora de sua função de jornalista. Esse tipo de relação é mais comum do que o imaginado, afinal de contas, somos jogados na boca do leão a cada matéria, nos deparando com histórias completamente fora da nossa realidade. O que acontece além das fronteiras da faculdade, de casa ou da redação muitas vezes nos tira completamente

do ritmo de trabalho, nos despertando sentimentos de revolta e vontade de mudar o mundo daquelas pessoas, que tem tanto direito quanto nós e estão numa situação pior. Alguns dizem que a profissão do jornalista é condenada a uma vida de se sentir sempre impotente. Ao mesmo tempo que temos a responsabilidade de fazer vir à público tudo que existe de imoral, injusto e inaceitável no mundo, temos que seguir um limite, ter uma consciência de que nem tudo que passa por nós vem com uma obrigação de ser resolvido por nós. *O Solista* retrata, mais do que o drama de alguém que tenta recuperar sua antiga vida, mas o drama de quem perde os trilhos do seu caminho e começa a trilhar o caminho de outra pessoa.

## Fácil pra quem?

Por Luka Franca

Quem é que não gosta de fazer sexo? Estou falando de sexo e não de violência sexual, pois esta em nada tem relação com discussões sobre liberdade sexual, autonomia e afins. São violências e devem ser tratados sem condescendência com maridos, padres, pais, irmãos e outros.

É leviano simplificar o debate sobre liberdade sexual e direitos reprodutivos como o fez Luiz Felipe Pondé no artigo *Meninas Fáceis* publicado na *F. de São Paulo* do dia 03 de maio. Pôr no mesmo saco estupro e liberdade sexual é no mínimo maquiavélico, reforçar argumentos conservadores culpando as mulheres como era feito há décadas é misoginia e reforça a construção social de que a mulher é propriedade do homem se portando com parcimônia, pois seu papel natural é o de mãe monogâmica, garantindo assim ao homem que sejam dele os filhos gerados.

Me pergunto e os homens? Por que a eles é permitido trepar antes do casamento, pegar meninas nas baladas, ser chamado de ganhão e ovacionado por isso? Qual é a diferença tão profunda entre homens e mulheres que justifica um homem se sentir tão poderoso a ponto de matar uma mulher só por que ela não quer mais ficar junto com ele? Quem foi que deu o direito a este e outros tantos homens de matar e estuprar?

A diferença entre homens e mulheres não se dá nas diferenças biológicas e físicas, por que um tem pênis e a outra uma vagina, pois os dois desejam, se molham e têm vontades. A diferença se dá na atribuição de papéis sociais a cada um deles.

A mulher ter noção do que é o seu corpo e poder para decidir o que fazer

com ele é heresia, sacrilégio e sendo assim impõe a mais de 1 milhão de mulheres por ano locais insalubres e inseguros para realização de abortos e ajudando a incrementar a taxa de mortalidade materna no Brasil.

É fácil usar argumentos capciosos e frágeis para culpar a mulher por ser violentada, espancada ou morta por realizar abortos inseguros e ilegais. Assim jogamos para de baixo do tapete tudo que nos incomoda discutir e encontramos saídas fáceis para os debates e comparações absurdas como a de liberdade sexual e violência sexual construída por Pondé no artigo da *Folha*. Essa postura fortalece projetos como o Estatuto do Nascituro que prevê a criminalização do aborto em casos de estupro, ou coloca uma venda sobre casos como a garota de 9 anos que foi estuprada pelo padrasto e engravidou de gêmeos, mesmo com o parecer médico de que corria risco de vida caso mantivesse a gravidez a igreja excomungou a menina, mãe e médicos.

Temos um problema real de saúde pública que não será resolvido com vendas e discursos capciosos, mas sim com garantia real de distribuição de contraceptivos nos postos de saúde, que não raro não estão disponíveis, educação sexual levada a sério e não como recreio. Garantir que isso seja discutido sem tabus é importante não só para as meninas terem noção do

que é seu corpo e informação do que fazer ou não, como para os meninos também de saber que não podem obrigar uma garota a trepar só porque ela usa uma pulseirinha de cor preta ou uma roupa X, Y ou Z. Encarar debates áridos como a questão dos direitos reprodutivos é essencial para que possamos fazer valer até mesmo o direito constitucional a vida, pois ninguém tem o direito de tirar a vida de uma mulher porque ela decidiu terminar uma relação, abusar sexualmente de uma criança ou relegar a morte mulheres que por diversos motivos decidiram por abortar.



Reprodução

lukissima@gmail.com